



LARA DEE /ATIVISTA SOCIAL

@laradeeoficial

Lara Dee

A ECOLOGIA DO *cuidado*

Cuidar de si, cuidar do mundo

sumário

Introdução	03
O envelhecimento como construção social e potência transformadora	05
A crise ambiental como crise das relações	07
A ética do cuidado como paradigma sociológico	09
Mulheres, longevidade e liderança regenerativa	11
A Ecologia do Cuidado como proposta de transformação social	13
Conclusão	15
Referências	17

Socióloga; Empreendedora Social; Fellow Ashoka; Ativista de Direitos de Mulheres; Palestrante; e Diretora Fundadora do Instituto Beleza & Cidadania. Voluntária em diversos projetos sociais de relevância.

Introdução

As primeiras décadas do século XXI são marcadas por uma contradição histórica sem precedentes. Nunca a humanidade viveu tanto. Nunca houve tamanha expansão da expectativa de vida, do acesso ao conhecimento científico, das tecnologias voltadas à saúde e dos recursos capazes de prolongar a existência humana. Simultaneamente, nunca o planeta enfrentou níveis tão alarmantes de degradação ambiental, instabilidade climática e esgotamento dos sistemas naturais que sustentam a própria vida.

Essa coexistência entre longevidade humana e vulnerabilidade planetária não constitui apenas um fenômeno demográfico ou ambiental. Trata-se de uma questão profundamente sociológica, pois nos obriga a repensar as formas pelas quais compreendemos o tempo, o progresso, a responsabilidade coletiva e o próprio significado da existência.

A reflexão que dá origem a este artigo emerge de uma provocação apresentada pela **Ashoka**, organização internacional reconhecida por fomentar iniciativas de inovação social e liderança transformadora. A pergunta proposta pela instituição constitui, em si mesma, um desafio ético e civilizatório: como inspirar agência de transformação ao longo da vida quando vivemos cada vez mais tempo em um planeta cada vez menos estável?

Mais do que uma questão operacional ou programática, trata-se de uma indagação que atravessa os fundamentos da vida contemporânea. Ela exige que abandonemos leituras fragmentadas da realidade e reconheçamos a profunda interdependência entre os processos sociais, ambientais e humanos.

Nesse contexto, surge a proposta da **Ecologia do Cuidado**, concebida como uma possibilidade de articulação entre longevidade, responsabilidade social e regeneração dos vínculos que sustentam a vida coletiva. A Ecologia do Cuidado parte da compreensão de que o cuidado não constitui apenas uma prática privada ou uma virtude moral individual. Trata-se de uma competência social, política e ambiental capaz de reorganizar as formas pelas quais os indivíduos se relacionam consigo mesmos, com os outros e com o planeta.

A relevância dessa discussão torna-se ainda mais evidente quando observamos que o envelhecimento populacional deixou de ser uma realidade restrita aos países desenvolvidos. Segundo dados das Nações Unidas, a população mundial com mais de sessenta anos deverá ultrapassar dois bilhões de pessoas até meados deste século. No Brasil, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística projeta que, nas próximas décadas, haverá mais idosos do que crianças, alterando profundamente a configuração social do país.

Ao mesmo tempo, relatórios sucessivos do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas revelam que o avanço do aquecimento global produz impactos cada vez mais severos sobre a segurança alimentar, a disponibilidade hídrica, os deslocamentos populacionais e as condições gerais de sobrevivência humana.

Diante desse cenário, torna-se insuficiente pensar o envelhecimento apenas como uma experiência biológica e a sustentabilidade apenas como uma questão ambiental. Ambas as dimensões precisam ser compreendidas como partes de uma mesma problemática: a construção de futuros possíveis em uma realidade marcada por profundas transformações.

A hipótese central deste trabalho sustenta que o envelhecimento pode constituir uma importante fonte de agência transformadora em sociedades atravessadas por crises múltiplas. Longe de representar um período de retração social, a longevidade pode configurar um espaço privilegiado para o desenvolvimento de formas ampliadas de consciência, responsabilidade e compromisso coletivo.

É precisamente nesse ponto que a Ecologia do Cuidado emerge como categoria analítica e prática social capaz de oferecer novos horizontes para o enfrentamento dos desafios contemporâneos.

O envelhecimento como construção social e potência transformadora

A compreensão do envelhecimento sofreu profundas transformações ao longo da história. Durante séculos, prevaleceu uma leitura essencialmente biológica da velhice, associando-a ao declínio físico, à perda de capacidades produtivas e à progressiva retirada da vida social. Sob essa perspectiva, envelhecer significava aproximar-se de uma condição marcada pela dependência, pela fragilidade e pela redução da participação pública.

A sociologia contemporânea, entretanto, tem questionado de forma consistente essa interpretação reducionista. Autores como *Anthony Giddens*, *Ulrich Beck* e *Zygmunt Bauman* demonstram que as transformações da modernidade alteraram profundamente a experiência do curso da vida, produzindo novas formas de identidade, pertencimento e participação social.

O envelhecimento não pode mais ser compreendido exclusivamente como um fenômeno biológico. Trata-se, antes de tudo, de uma construção social. A forma como uma sociedade percebe seus idosos revela valores culturais, estruturas de poder, modelos econômicos e concepções de humanidade.

Em sociedades orientadas pela lógica produtivista, o valor social dos indivíduos tende a ser medido por sua capacidade de produzir, consumir e acompanhar os ritmos acelerados da economia. Nesse contexto, a velhice frequentemente passa a ser interpretada como um estado de perda, uma condição de afastamento dos espaços considerados centrais para a vida social.

Simone de Beauvoir já denunciava essa lógica em sua obra clássica "A Velhice", ao afirmar que a marginalização dos idosos não resulta da idade em si, mas das formas sociais que atribuem valor diferencial às etapas da vida. O problema não está em envelhecer. O problema está na forma como a sociedade constrói simbolicamente o envelhecimento.

Essa reflexão torna-se ainda mais relevante em um tempo marcado pela valorização extrema da juventude. A cultura contemporânea transforma o novo em sinônimo de desejável. Corpos jovens, tecnologias recentes, tendências emergentes e respostas imediatas passam a ocupar posição privilegiada na hierarquia simbólica da sociedade.

Nesse cenário, envelhecer pode parecer uma experiência de deslocamento. Contudo, é precisamente nesse deslocamento que reside uma potência frequentemente negligenciada.

A experiência acumulada ao longo da vida oferece algo que nenhuma inovação tecnológica é capaz de produzir: perspectiva histórica. O tempo vivido amplia a capacidade de estabelecer conexões, reconhecer padrões, interpretar mudanças e compreender a complexidade dos fenômenos sociais.

É justamente por essa razão que a longevidade pode constituir um importante campo de agência transformadora. Ao contrário da visão tradicional que associa envelhecimento à passividade, a experiência acumulada cria condições para formas mais sofisticadas de participação social. A maturidade favorece a construção de leituras mais integradas da realidade, ampliando a capacidade de compreender as relações entre indivíduos, instituições, comunidades e meio ambiente.

Quando a **Ashoka** propõe refletir sobre a agência ao longo da vida, convida-nos a reconhecer que a transformação social não é monopólio da juventude. Pelo contrário. Em um mundo cada vez mais acelerado, talvez as contribuições mais profundas para o futuro surjam justamente daqueles que aprenderam a olhar o tempo com maior profundidade.

A longevidade deixa, então, de ser apenas uma conquista demográfica. Ela passa a representar uma oportunidade histórica de ampliar a presença humana no mundo por meio da consciência, da experiência e do compromisso com as gerações futuras.

A crise ambiental como crise das relações

A crise ambiental costuma ser apresentada por governos, organismos internacionais e meios de comunicação como uma questão predominantemente técnica. Fala-se em redução de emissões de carbono, transição energética, neutralidade climática, inovação tecnológica e preservação de recursos naturais. Embora esses elementos sejam fundamentais para o enfrentamento dos desafios ecológicos contemporâneos, eles não alcançam a raiz mais profunda do problema.

A degradação ambiental não é apenas consequência de decisões econômicas equivocadas ou da insuficiência de políticas públicas. Ela é, sobretudo, resultado de uma determinada forma de relação que a humanidade construiu consigo mesma, com os outros e com o mundo natural.

Sob essa perspectiva, a crise ecológica é também uma crise civilizatória.

A modernidade ocidental consolidou uma visão de mundo baseada na separação. Separou sujeito e natureza. Separou razão e emoção. Separou humanidade e ambiente. Separou crescimento econômico e sustentabilidade. Essa fragmentação, descrita por **Edgar Morin** como uma das grandes limitações do pensamento moderno, produziu uma incapacidade crescente de compreender as interdependências que sustentam a vida.

Quando a natureza passa a ser percebida apenas como recurso, ela deixa de ser reconhecida como condição da existência humana. Quando o planeta é reduzido a uma fonte inesgotável de exploração, rompe-se o vínculo simbólico que conecta as sociedades aos territórios que habitam.

Não por acaso, os maiores desastres ambientais das últimas décadas revelam muito mais do que falhas técnicas. Eles expõem falhas éticas.

O rompimento da barragem de Mariana, em 2015, considerado o maior desastre socioambiental da história brasileira, destruiu comunidades inteiras, comprometeu ecossistemas e afetou milhares de vidas ao longo da bacia do Rio Doce. Poucos anos depois, o rompimento da barragem de Brumadinho demonstrou que a tragédia anterior não havia sido suficiente para produzir mudanças estruturais.

Esses episódios não podem ser compreendidos apenas como acidentes industriais. Eles revelam uma lógica social baseada na dissociação entre lucro, responsabilidade e cuidado.

Da mesma forma, os eventos climáticos extremos que têm atingido diversas regiões do planeta demonstram que a crise ambiental não é um fenômeno futuro. Ela constitui uma realidade presente.

As enchentes que devastaram o Rio Grande do Sul em 2024, deslocando centenas de milhares de pessoas e provocando perdas humanas e materiais incalculáveis, evidenciam como a instabilidade climática afeta diretamente as formas de vida e os vínculos comunitários.

Ulrich Beck já alertava que a sociedade contemporânea produz riscos que ultrapassam fronteiras geográficas, econômicas e políticas. O risco climático é a expressão mais evidente dessa condição.

Entretanto, a resposta para essa realidade não pode ser construída apenas por meio de soluções técnicas. Ela exige uma reconstrução das relações.

É precisamente nesse ponto que emerge a proposta da Ecologia do Cuidado.

Ao reconhecer que a sustentabilidade depende da qualidade dos vínculos que estabelecemos com o mundo, a Ecologia do Cuidado desloca a discussão ambiental para o campo da responsabilidade compartilhada.

O planeta não precisa apenas de proteção. Precisa de pertencimento.
E o pertencimento nasce das relações.

A ética do cuidado como paradigma sociológico

Durante grande parte da história das ciências sociais, o cuidado ocupou uma posição marginal nos grandes debates teóricos sobre a organização da vida coletiva. As tradições clássicas da sociologia concentraram-se na análise das instituições políticas, dos sistemas econômicos, das estruturas de poder e dos processos produtivos, relegando as práticas cotidianas de cuidado a uma esfera considerada privada, doméstica e, portanto, aparentemente secundária para a compreensão da sociedade.

Essa invisibilização não ocorreu por acaso. Ela reflete uma construção histórica que separou artificialmente os espaços da produção e da reprodução social, atribuindo valor econômico, político e simbólico às atividades produtivas enquanto desqualificava ou naturalizava aquelas relacionadas à manutenção da vida. Como consequência, cuidar foi frequentemente compreendido como uma responsabilidade individual ou familiar, particularmente feminina, e não como uma condição fundamental para a existência das próprias estruturas sociais.

Nas últimas décadas, entretanto, essa compreensão passou por uma profunda revisão. As contribuições de autoras como *Joan Tronto*, *Carol Gilligan* e *Nancy Fraser* evidenciaram que nenhuma sociedade é capaz de existir sem uma complexa rede de práticas de cuidado que sustentam diariamente a vida humana. Alimentar, educar, acolher, escutar, proteger, acompanhar, curar e construir vínculos não são atividades periféricas. São processos centrais para a reprodução da vida social. Sob essa perspectiva, o cuidado deixa de ser percebido como um ato individual motivado apenas pela afetividade e passa a ser compreendido como uma infraestrutura invisível sobre a qual repousam todas as demais instituições.

Antes da economia, existe alguém que cuida. Antes do mercado, existe alguém que alimenta, educa e sustenta a continuidade da existência humana. O cuidado, portanto, não é apenas uma prática moral; ele constitui uma condição sociológica da própria civilização.

A pandemia da COVID-19 representou um momento decisivo para tornar essa realidade visível em escala global. Enquanto economias inteiras eram interrompidas e sistemas produtivos enfrentavam paralisações sem precedentes, tornava-se evidente que as atividades indispensáveis à sobrevivência coletiva estavam concentradas justamente nos campos historicamente associados ao cuidado. Profissionais da saúde, cuidadoras, educadoras, trabalhadoras domésticas, lideranças comunitárias e familiares assumiram o protagonismo de uma crise que revelou a vulnerabilidade constitutiva da condição humana. O que a pandemia expôs não foi apenas uma emergência sanitária, mas a insuficiência de um modelo social fundamentado na produtividade, na velocidade e na acumulação. Ela demonstrou que a vida depende de relações de interdependência e que o cuidado constitui uma dimensão estrutural da existência humana.

É nesse contexto que a proposta da Ecologia do Cuidado adquire relevância sociológica. Ao ampliar o conceito de cuidado para além das relações interpessoais, ela propõe uma nova interpretação sobre os desafios contemporâneos. O cuidado deixa de ser compreendido apenas como resposta à fragilidade e passa a ser reconhecido como princípio organizador das relações sociais, ambientais e institucionais. Tal perspectiva aproxima-se das reflexões de **Leonardo Boff**, para quem o cuidado representa uma atitude ética fundamental diante da vida. Segundo o autor, cuidar significa reconhecer que nenhum ser existe isoladamente e que toda forma de existência depende de relações de reciprocidade. Em um contexto marcado pela intensificação das crises ecológicas, pelo aumento das desigualdades e pela fragmentação dos vínculos sociais, a ética do cuidado emerge não apenas como um ideal normativo, mas como uma condição concreta para a continuidade da vida coletiva. Ela propõe uma inversão profunda das lógicas dominantes da modernidade, substituindo a apropriação pela reciprocidade, a competição pela cooperação e o individualismo pela corresponsabilidade. O cuidado deixa de ser uma virtude privada e torna-se um paradigma capaz de orientar novas formas de convivência humana em um planeta cada vez mais instável.

Mulheres, longevidade e liderança regenerativa

As discussões sobre cuidado, envelhecimento e transformação social conduzem inevitavelmente à reflexão sobre o papel histórico desempenhado pelas mulheres na sustentação da vida coletiva. Durante séculos, as estruturas sociais atribuíram às mulheres a responsabilidade pelo trabalho reprodutivo, pela manutenção dos laços familiares e pelo cuidado cotidiano das pessoas e comunidades. Embora essa atribuição tenha sido frequentemente utilizada como mecanismo de subordinação e exclusão dos espaços formais de poder, ela também produziu um acúmulo singular de experiências relacionadas à construção de vínculos, à resolução de conflitos, à escuta e à gestão das relações humanas. Esses saberes, muitas vezes invisibilizados pelas narrativas oficiais da história, constituem um patrimônio social de enorme relevância para o enfrentamento dos desafios contemporâneos.

Ao longo das últimas décadas, o avanço das discussões feministas permitiu compreender que o cuidado não deve ser interpretado como uma característica natural das mulheres, mas como uma competência social historicamente desenvolvida em contextos específicos. Essa distinção é fundamental porque desloca a análise do campo biológico para o campo das relações sociais. As mulheres não cuidam porque nasceram para cuidar. Elas desenvolveram conhecimentos, práticas e sensibilidades relacionadas ao cuidado porque ocuparam, durante gerações, posições centrais na manutenção da vida cotidiana. Em uma sociedade marcada pela crescente fragilidade dos vínculos sociais, tais competências adquirem relevância estratégica.

Nesse cenário, a longevidade feminina emerge como um importante recurso social. Mulheres que envelhecem carregam consigo não apenas histórias individuais, mas repertórios coletivos de experiência.

Tornam-se guardiãs de memórias, transmissoras de saberes e referências éticas para as gerações seguintes. A proposta apresentada à **Ashoka** parte justamente dessa compreensão ao sugerir que o envelhecimento pode ser percebido como um espaço ampliado de agência social. Em vez de representar um processo de retirada da vida pública, a longevidade pode constituir uma etapa privilegiada para a ampliação da influência social, da participação comunitária e da construção de legados.

Essa perspectiva aproxima-se das reflexões de *Nancy Fraser* sobre a crise da reprodução social. Para a autora, as sociedades contemporâneas enfrentam uma crescente dificuldade para sustentar as atividades necessárias à manutenção da vida. Em um contexto marcado pelo envelhecimento populacional, pelas transformações familiares e pela intensificação das demandas de cuidado, torna-se indispensável reconhecer e valorizar as formas de conhecimento acumuladas ao longo da experiência. A longevidade deixa de ser apenas um indicador demográfico e passa a representar um campo de potencialidades sociais.

É nesse ponto que emerge a ideia de liderança regenerativa. Diferentemente dos modelos tradicionais de liderança, frequentemente baseados na hierarquia, no controle e na centralização das decisões, a liderança regenerativa fundamenta-se na capacidade de criar conexões, fortalecer vínculos e estimular processos colaborativos. Trata-se de uma liderança orientada não pela acumulação de poder, mas pela ampliação da capacidade coletiva de cuidar, transformar e regenerar.

As contribuições de *Vandana Shiva* oferecem importantes elementos para compreender essa perspectiva. Ao analisar experiências comunitárias conduzidas por mulheres em diferentes contextos, a autora demonstra que práticas baseadas na cooperação, na preservação dos recursos naturais e na valorização dos saberes locais frequentemente produzem formas mais sustentáveis de desenvolvimento. Assim, a liderança regenerativa emerge como uma resposta possível aos desafios do século XXI, articulando experiência, responsabilidade e compromisso com o futuro.

A Ecologia do Cuidado como proposta de transformação social

A proposta da Ecologia do Cuidado surge da compreensão de que as múltiplas crises que caracterizam o mundo contemporâneo possuem uma origem comum: a fragilização dos vínculos que sustentam a vida. A crise ambiental, a crise das democracias, o aumento da solidão, a intensificação das desigualdades e o esgotamento emocional que marca amplos segmentos da população não podem ser compreendidos como fenômenos isolados. Eles constituem diferentes manifestações de um mesmo processo histórico de ruptura das relações de interdependência que conectam indivíduos, comunidades e ecossistemas.

A modernidade produziu avanços extraordinários em termos científicos, tecnológicos e econômicos. Contudo, também consolidou uma lógica social orientada pela aceleração permanente, pela hiperindividualização e pela mercantilização crescente das relações humanas. Como observa **Hartmut Rosa**, vivemos em sociedades que valorizam constantemente o aumento da velocidade, da produtividade e da eficiência. Paradoxalmente, essa aceleração não produziu maior sentido de pertencimento. Pelo contrário. Produziu formas cada vez mais sofisticadas de desconexão. Estamos mais conectados tecnologicamente do que em qualquer outro momento da história, mas frequentemente mais distantes emocionalmente. Temos acesso instantâneo à informação, mas enfrentamos dificuldades crescentes para construir vínculos duradouros e significativos.

A Ecologia do Cuidado propõe uma resposta a essa condição histórica. Sua principal contribuição consiste em reconhecer que o cuidado não é apenas uma prática individual, mas uma lógica relacional capaz de reorganizar as formas de convivência humana.

Ela parte da compreensão de que cuidar de si, cuidar dos outros e cuidar do planeta constituem dimensões inseparáveis de uma mesma experiência. Não há sustentabilidade ambiental sem sustentabilidade humana. Não há regeneração dos ecossistemas sem regeneração dos vínculos sociais. Não há futuro possível para o planeta sem uma transformação profunda das formas pelas quais nos relacionamos com a vida.

Mais do que uma teoria, a Ecologia do Cuidado apresenta-se como uma proposta cultural e civilizatória. Ela nos convida a abandonar a lógica da urgência permanente para recuperar a experiência da presença. Convida-nos a substituir relações de exploração por relações de reciprocidade. Convida-nos a reconhecer que o verdadeiro desenvolvimento não pode ser medido apenas por indicadores econômicos, mas pela capacidade de produzir bem-estar, pertencimento e continuidade da vida.

Ao articular longevidade, cuidado e sustentabilidade, a proposta apresentada à **Ashoka** sugere que a grande transformação do século XXI talvez não dependa exclusivamente de novas tecnologias ou de grandes soluções institucionais. Talvez dependa, sobretudo, da capacidade humana de reconstruir vínculos. De reaprender a cuidar. De compreender que a vida não se sustenta pela força da competição, mas pela potência da interdependência. É nesse sentido que a **Ecologia do Cuidado** se apresenta como uma das mais promissoras possibilidades de transformação social para o nosso tempo.

Conclusão

A reflexão proposta pela Ashoka oferece uma das questões mais relevantes do nosso tempo: como inspirar agência de transformação ao longo da vida em um planeta cada vez mais instável?

Ao longo deste artigo, procurou-se demonstrar que essa pergunta exige muito mais do que respostas técnicas. Ela exige uma revisão profunda das formas pelas quais compreendemos o envelhecimento, a sustentabilidade e a própria condição humana.

A longevidade representa uma conquista histórica da humanidade. Contudo, viver mais tempo só adquire significado quando esse tempo pode ser vivido em um mundo capaz de sustentar a vida.

A proposta da Ecologia do Cuidado nasce precisamente dessa compreensão.

Ela reconhece que a crise ambiental é também uma crise das relações.

Reconhece que o cuidado constitui uma competência social fundamental.

Reconhece que as mulheres, especialmente aquelas que acumulam experiência ao longo da vida, possuem um papel estratégico na construção de futuros mais sustentáveis.

Mais do que uma teoria, a Ecologia do Cuidado apresenta-se como uma prática de transformação.

Uma prática que nos lembra que a sobrevivência do planeta depende da qualidade dos vínculos que construímos.

Talvez a grande questão do século XXI não seja apenas quanto tempo viveremos. Talvez a questão fundamental seja como escolheremos viver o tempo que conquistamos.

Porque, no final, o futuro não será definido apenas pelos avanços da ciência ou pelas decisões dos governos.

Ele será definido pela nossa capacidade de cuidar.

De cuidar uns dos outros.

De cuidar das comunidades.

De cuidar da Terra!

E de compreender que todas essas formas de cuidado são, na verdade, uma única e mesma expressão da vida.

Lara Dee

Referências

- BEAUVOIR, Simone de. A velhice. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BECK, Ulrich. Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.
- BOFF, Leonardo. Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- FRASER, Nancy. Fortunas do feminismo: do capitalismo administrado pelo Estado à crise neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2019.
- GIDDENS, Anthony. Modernidade e identidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- HARAWAY, Donna. Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno. São Paulo: N-1 Edições, 2023.
- MORIN, Edgar. A via para o futuro da humanidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 12. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2011.
- NUSSBAUM, Martha C. Sem fins lucrativos: por que a democracia precisa das humanidades. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015.
- ROSA, Hartmut. Aceleração: a transformação das estruturas temporais na modernidade. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- SENNETT, Richard. Juntos: os rituais, os prazeres e a política da cooperação. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- SHIVA, Vandana. Terra viva: mulher, ecologia e desenvolvimento. São Paulo: Cultrix, 2003.
- TRONTO, Joan C. Caring democracy: markets, equality and justice. New York: New York University Press, 2013.
- UNITED NATIONS. World Population Ageing 2023. New York: United Nations Department of Economic and Social Affairs, 2023.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. Decade of Healthy Ageing 2021–2030. Geneva: World Health Organization, 2021.

Referências complementares para aprofundamento teórico

ARENDT, Hannah. A condição humana. 13. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

LATOUR, Bruno. Onde aterrar? Como se orientar politicamente no Antropoceno. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

NODDINGS, Nel. Caring: a relational approach to ethics and moral education. Berkeley: University of California Press, 2013.

PUTNAM, Robert D. Bowling alone: the collapse and revival of American community. New York: Simon & Schuster, 2000.

SANTOS, Boaventura de Sousa. O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do sul. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.